



## OS RAPOTOS CONSENTIDOS E O COTIDIANO DAS CIDADES – O PAPEL DAS FESTAS – NA PARAÍBA DO PERÍODO IMPERIAL

Rosemere Olimpio de Santana\*

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

[rosemere.o.santana@hotmail.com](mailto:rosemere.o.santana@hotmail.com)

**RESUMO:** Neste artigo, trabalho com o que chamei de “raptos consentidos” na Paraíba, entre as décadas de 80 e 90 do Séc. XIX e os anos de 1910. A pesquisa apontou para um emaranhado discursivo que deu visibilidade às práticas amorosas e às relações de poder, presentes nas práticas dos “raptos consentidos”. Procuramos apreender, mesmo que parcialmente, o cotidiano dos envolvidos citados pelos processos criminais por raptos bem como as redes de relacionamento entre homens e mulheres. Assim, fomos percebendo, através de todo o caminho que antecedia os raptos, como esses casais se encontravam, quais táticas utilizavam e que meios e artifícios usavam para convencer um ao outro. Analisando o rapto como lugar de tensões que transcendem o simples fato de resistência a uma ordem patriarcal, mas que também institui uma alternativa para as práticas amorosas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Raptos consentidos – Cultura histórica – Antidisciplina – Relações amorosas – Paraíba

**ABSTRACT:** In this article, work which I called the “kidnapping granted” in Paraíba, among the 80 and 90 decades of XIX Century and in the year of 1910. The research pointed to a tangled discursive giving visibility to the loving practice and relations of power, present in the practices of “kidnapping granted.” We understand, even if partially, the daily lives of those involved cited for criminal proceedings by kidnappings as well as the networks of relationships between men and women. Thus, we see through all the way that preceded the abductions, as these couples met, which tactics were used and the tricks used to convince each other. Analyzing the abduction as a place of tension that transcend the mere fact of resistance to a patriarchal order, but that also establishes an alternative to the loving practices.

**KEYWORDS:** Kidnapping granted – Historic Culture – Undiscipline – Loving relations – Paraíba

---

\* Profª. substituta da Universidade Federal de Campina Grande e da Universidade Estadual da Paraíba. Mestre pela Universidade Federal da Paraíba – UFP. Doutoranda pela Universidade Federal Fluminense – UFF

Eu vou dar um conselho a  
Todo pai de família  
Não consintam suas “fias”  
Levar fogo as cigarristas

Não entregar do tição  
É que corre todo o perigo  
O moço pergunta a moça  
--Você quer casar comigo

A moça dar uma volta  
Que parece parafuso  
Você pesa para o papai  
Se ele não quiser eu fujo

O moça, você me diga  
Onde vou-lhe esperar  
- Lá na porteira da esquina  
No pé de maracujá

Mamãe que grande calor  
Que eu não posso nem me deitar  
Queria tomar um ponche  
Vou ver o maracujá

A velha lhe respondeu  
Já prevenindo o futuro  
Eu não sei como Maria  
Acha as coisas no escuro

O que eu digo nesta casa  
Minha mãe só desconfia  
O maracujá pro ponche  
Eu apanhei ao meio dia

Má velha entre p’ra dentro  
Que são horas de deitar  
Estou esperando Maria  
Foi ver o maracujá

A velha entro p’ra dentro  
Ali as aves Maria  
Quando saiu pra fora  
Foi chamando por Maria

Se alevante sinhô velho  
Se inda hoje não dormiu  
Vamos procurar Maria  
Com certeza já fugiu

O velho saiu de dentro  
Já com a peia na mão

- Venha cá senhora velha  
Venha pegar seu quinhão

- Meus Deus, que grande tormento  
Neste mundo inda eu não via  
Eu ser uma mulher véia  
Apanhar por uma “fia”  
O velho acabou de dar  
Ficou com uma peia na mão  
- Venha cá, Joana e Chiquinha  
Levar também o seu quinhão

- Se meu pai inda me der  
Por qualquer uma mana mia  
Eu prometo em suas barbas  
Lhe fazer outra branquinha

- Se você arreparasse  
Nossa filha não fugia  
- Isso mesmo e o que acontece  
Com a mãe que alcovita a “fia”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> ROMERO, Silvio. **História da literatura brasileira**. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, p. 185-189.

Esse é um romance em versos, colhido por Sílvia Romero,<sup>2</sup> que conta a história de um rapaz que conquista e rapta a donzela, filha de um sertanejo. Ele chega de fora e é recebido pela famosa hospitalidade sertaneja. Logo se apaixona pela filha do mesmo, pede para acender o cigarro e, na hora de apanhar o tição – era comum ter tições acessos no fogo ou no trempe – faz a proposta do rapto. Valendo-se da tática de ir buscar a fruta para fazer um refresco, a moça ilude a vigilância materna e foge. Quando se dá conta da fuga da filha, a mãe avisa ao sertanejo, que pune a esposa, por achar que ela não havia cumprido com seus deveres maternos, e a outra filha, para que não faça o mesmo.

O romance cantado, muito conhecido no Ceará, fazia parte da cultura oral, e trazia temas com intenções claramente moralizantes. Nessa perspectiva, podemos dizer que os raptos consentidos eram tão comuns que se transformavam em canções. A partir de agora, convidamos o leitor a estreitar laços com o tema desta pesquisa: os raptos consentidos na Paraíba entre os Séculos XIX e XX.

Os casos de raptos consentidos, segundo a pesquisa, ocorreram nas mais diversas regiões do Brasil. Eles não figuraram apenas nos processos criminais, mas também, nos livros de memórias, em que os autores se dedicaram a falar do cotidiano familiar. Gilberto Freyre,<sup>3</sup> por exemplo, afirmava que o rapto consentido era comum em todo o país. Vai além dos casos reais e chega até nós, por meio da literatura e da história, como o famoso rapto de Helena de Tróia e de Julieta, por Romeu.

O que pretendemos discutir neste trabalho, mesmo que parcialmente, é uma realidade não experimentável diretamente. Problematizar o cotidiano de uma época, as redes de relacionamento entre homens e mulheres, cartografar, através de todo o caminho que antecedia o rapto, como esses casais se encontravam, quais as táticas que utilizavam, que meios e artifícios usavam para convencer um ao outro e, ainda, que lugares ocupavam as mulheres na sociedade onde estavam inseridas. A pesquisa indicou que elas não são apenas vítimas, seduzidas, mas também desejantes e participantes do planejamento e da execução dos raptos.

Neste trabalho, analisamos as possíveis ressignificações que a prática do rapto consentido poderia ter sofrido na sociedade paraibana do final do Século XIX e início

---

<sup>2</sup> Embora o romance seja colhido em 1945, o próprio Sílvia Romero afirma que ele já era conhecido oralmente desde o Século XIX, não especificando exatamente a sua data, por ser um romance “capturado” da tradição oral.

<sup>3</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1977, p. 147.

do Século XX. Ao falar dessa possível resignificação do rapto consentido na Paraíba, também é importante discutir o espaço físico onde acontece a maioria dos raptos analisados: a Paraíba, em especial, Campina Grande. Portanto, analisamos o espaço urbano das cidades, bem como algumas características pertencentes à zona rural.

Ao analisar os processos criminais referentes à Paraíba e os livros de memória, nos deparamos com o rapto enquanto ofensa ao pátrio poder, como no caso de rapto consentido realizado em 1869, com Antônia Belarmina Maria de Araújo e Felipe Néri dos Santos Filho, em Campina Grande. Depois da fuga, o raptor tentou conseguir do juiz de órfãos o consentimento para casar com Antonia Belarmina, obtendo sucesso. No entanto, o pai da moça recorreu aos direitos de pátrio poder, conseguindo que fosse anulada a primeira autorização.

Apesar de analisar a continuidade do pátrio poder na sociedade paraibana,<sup>4</sup> não podemos esquecer que as relações, sejam elas afetivas ou não, não seguem por um único caminho, por isso mulheres e homens aproveitavam os momentos propícios para realizar os seus desejos. Esse também é o caso da mulher que, apesar de estar sob a tutela de um homem, encontrava meios de realizar a sua vontade. Como é o caso de Antonia Belarmina, que se comunica com o seu raptor através de cartas, enviadas pela sua escrava, e trama, astuciosamente, o próprio rapto, orientando Felipe Néri a procurar um advogado para conseguir, na justiça, permissão para o casamento. Assim, Antonia apresenta-se nessa trama, não como vítima, passiva de ser raptada, ou como uma mera coadjuvante, mas como alguém que planeja, que constrói táticas para a efetivação do rapto. A partir das cartas, e bilhetes, anexados no processo crime, que Almeida E. analisou, percebemos o quanto Antonia Belarmina era decidida, contrariando a idéia de mulher frágil e abnegada.

Nesta perspectiva, o rapto consentido é caracterizado pelo consentimento da moça sob promessa de casamento por parte do raptor, no entanto, nem sempre o rapto terminava com um final feliz, o rapto de Antonia Belarmina, por exemplo, terminou com a decisão do juiz a favor do pai. Era muito comum, nessa época, ambos fugirem à noite, a cavalo, ela, montada na garupa, de banda, a cabeça amarrada com um lenço, na

---

<sup>4</sup> A respeito desse contexto, em uma entrevista realizada em 27 de julho de 1971, em Recife, Ariano Suassuna afirmou a sobrevivência, nos anos de 1950, de atitudes populares favoráveis às escolhas matrimoniais paternas sobre as preferências dos filhos. Ele observou que as reações do público às apresentações de Romeu e Julieta, no interior de Pernambuco e da Paraíba, geralmente desaprovavam a desobediência dos jovens amantes aos seus pais. LEWIN, Linda. **Política e parentela na Paraíba**. Um estudo de caso da oligarquia de base familiar. Rio de Janeiro: Record, 1993, p. 167.

certeza da futura aliança. O noivo não podia ter relações sexuais com ela, deixando-a, a seguir, na casa de uma pessoa importante ou na do juiz da localidade vizinha ou da mesma cidade, onde já se combinara asilo. A moça mandava avisar à família: só sairia de lá casada. Os pais não tinham alternativas. “Faziam o casamento sem ser ‘de gosto’, no dia seguinte; sem festas, sem proclamas. A honra da moça e da família seria prejudicada se não houvesse o casamento”.<sup>5</sup>

Assim, falar dos raptos consentidos é levar em consideração o próprio nome da prática. Se, nos Séculos XVI e XVII, o rapto por sedução estava associado ao estupro, à posse, o rapto consentido, no período em que analisamos, também apresenta essa continuidade. Cavalcanti,<sup>6</sup> em sua dissertação sobre o discurso jurídico e a moralização dos costumes em Campina Grande em 1930-1950, aborda essa problemática ao analisar que o capítulo III do Código Penal, que tipifica o rapto como crime sexual, é um exemplo do corpo feminino como um bem roubado ou violado sexualmente, tanto que a violência sexual é pensada em relação ao seqüestro, ao prejuízo do homem, e não, em relação aos sentimentos da mulher.

É importante salientar que, não tendo finalidade libidinosa, tal crime se configura como subtração de incapazes. Essa separação entre rapto e estupro confundia a própria justiça que ora nomeava o fato como estupro, ora como rapto. Essa contradição se dava porque, na prática, o corpo feminino ainda era considerado como propriedade. No entanto, o rapto consentido se aproxima mais da sedução do que do estupro, uma vez que as possíveis vítimas, em uma definição da justiça, eram seduzidas através das promessas de casamento para fins libidinosos. Em alguns processos, são comuns afirmações do tipo: “havia seduzido a moça com compromisso de casamento” ou “pediu-a em casamento para melhor poder saciar os seus desejos”.

Se considerássemos apenas tais documentos, permeados pelo discurso jurídico, segundo o qual a moça só consentia o rapto porque estava convencida, ou melhor, seduzida pelo raptor, certamente estaríamos simplificando as teias que fazem parte das relações afetivas. Portanto, quando da análise dos processos criminais, não

---

<sup>5</sup> DEL PRIORI, Mary. **História do Amor no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 191.

<sup>6</sup> CAVALCANTI, Silêde L. O. **Mulheres modernas, mulheres tuteladas: o discurso jurídico e a moralização dos costumes em Campina Grande (1930 – 1950)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2000.

desconsideraremos o local de produção das falas e discursos e analisaremos as intenções de cada indivíduo que teceu essa rede afetiva.

Antes, porém, de procedermos a tal análise, convém que se conheça o espaço onde se constrói essa teia, no nosso caso, a cidade, principalmente Campina Grande e seu entorno, isso porque será no seu interior a partir de suas particularidades que algumas questões surgem confirmando ou não a atuação do discurso jurídico na vida dos envolvidos. Esta, (Campina Grande,) situada no interior paraibano, seguiu os primeiros passos da maioria das cidades do interior do Brasil.

Em 1864, Campina Grande é elevada à categoria de cidade, mas não emerge como um desenvolvido centro urbano. Isso só aconteceu a partir de 1877. Antes, rodeada de fazendas de gado e lavouras de subsistência, foi lentamente evoluindo para o aldeamento. A união da fazenda e a prática da lavoura incentivaram a feira de gado e de cereais, o que permitiu o surgimento do povoado.

Incentivado pelas feiras, o povoado transformou-se em vila e, posteriormente, em cidade. Assim, as feiras<sup>7</sup> eram de suma importância, uma vez que abrangiam vários tipos de negócios e, para funcionar, envolviam um grande número de pessoas. No entanto, esse crescimento aconteceu lentamente, pois durou quase um século.

Segundo Câmara,<sup>8</sup> a evolução demográfica, inicialmente insignificante, acelerou-se na segunda metade do Século XVIII, registrando-se em 1774, na área de Campina Grande, 47 fazendas, 421 fogos e 1490 pessoas. Contudo, oito anos depois, sua população quase duplicara, pois alcançava 2439 habitantes, o que, de certo modo, constituiu-se um aumento significativo de 63% em menos de uma década. E sua população era estimada em 8000 pessoas, incluindo os habitantes da vila e seus termos.

No entanto, tal crescimento não refletiu no desenvolvimento da cidade, pois, em 1850, a zona urbana contava com um conjunto de casas mal construídas e uma vida rotineira. Mesmo quando elevada à categoria de cidade, em 11 de outubro de 1864, não houve ali mudança significativa. A esse respeito, Câmara relata:

---

<sup>7</sup> As feiras em Campina Grande aconteciam nas quintas-feiras e sábados. A feira de gados, nas quintas-feiras, e de gêneros alimentícios, nos sábados, na rua do Seridó. Quando chegava o inverno, a lama, que era freqüente todo ano, chegava a atingir meio palmo de espessura e as ruas ficavam cada vez mais encharcadas com o movimento de animais e pedestres.

<sup>8</sup> CÂMARA, Epaminondas. **Os alicerces de Campina Grande**. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande. Secretaria de Educação/Núcleo Cultural português. Edições Caravela, 1999, p. 73.

Se era pequeno o movimento de transeuntes, era grande o de animais. Aqui e ali, tropas encangalhadas, bestas com cargas de farinha, rapadura ou frutas; jumentos carregando água ou material de construção, bois puxando lentamente carros de algodão em rama, muares com cargas de lenha, burras de selas bem arreadas, cavalos baixeiros ou meeiros esquipando em parelhas, rua abaixo, rua acima, cobrindo tudo de pó, derruba de gado na rua do Seridó, cabras que davam leite às crianças, ovelhas dormindo no oitão da matriz, porcos fuçando as sarjetas e se dando ao esporte de enlamear as calçadas e os batentes, perus e galinhas ciscando o local da feira à cata de grãos de milho.<sup>9</sup>

Assim era Campina Grande, quando elevada à condição de cidade: contava com duas Igrejas Católicas – a Matriz e a do Rosário – dois açudes públicos – o Açude Velho e o Açude Novo – duas casas de mercado, um cemitério – localizado nas Boninas – uma cadeia, a casa da Câmara, três largos, quatro ruas – a do Oitão, a do Meio, a do Seridó e a das Barrocas – oito becos e cerca de trezentas casas. As poucas que faziam parte da então cidade eram muito simples, de tetos baixos e não apresentavam harmonia arquitetônica. As ruas também não eram bem cuidadas, pois havia buracos formados de lama e lixo, que serviam de chiqueiro para os porcos, além do mato que servia de comida para os animais. Já outras vilas, como Areia, que já era cidade em 1846, assim como Souza, Bananeiras e Pombal, cresciam em um ritmo mais rápido do que Campina Grande. Nessas cidades, os moradores que tinham melhores condições econômicas disputavam a melhor residência da cidade. Para isso, mandavam vir até de Portugal azulejos coloridos para as fachadas da casa.<sup>10</sup>

Irineu Jóffily também já falava desse lento desenvolvimento de Campina Grande, alegando que os próprios habitantes só se preocupavam com a exploração agrícola e pastoril, não se importando com a construção de boas casas, morando em casebres que hospedavam os visitantes ilustres. Segundo Jóffily *apud* Almeida, E. (1962), em um artigo escrito para o Jornal Gazeta do Sertão, em 1889, o maior progresso em Campina Grande acontece a partir de 1877 e, em 1883, a cidade já contava com quarenta casas de comércio: 14 lojas de fazendas, uma farmácia e duas boticas.

---

<sup>9</sup> CÂMARA, Epaminondas. **Os alicerces de Campina Grande**. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande. Secretaria de Educação/Núcleo Cultural português. Edições Caravela, 1999, p. 74.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 126.

Entre os melhores estabelecimentos comerciais, nota-se o do Sr. Cristiano Laritzen, recentemente aberto, e que tem de fundo avultado capital. Além da feira de gêneros alimentícios, nos sábados, a de gado, nas quintas-feiras de cada semana, aumenta-lhe consideravelmente sobre as demais cidades do interior o seu movimento comercial.<sup>11</sup>

Assim, por meio da feira, o comércio impulsionou o desenvolvimento da cidade. Segundo Almeida, a feira crescia, também, devido ao incentivo dos tropeiros e do pouso de quem transportava os animais. O marco desse desenvolvimento foi o mercado novo, no qual se desenvolveram vários negócios, inclusive, em seus arredores.

Dessa forma, a vida urbana foi se desenvolvendo e se valorizando. Câmara assevera que essa imagem positiva da cidade começou a partir de uma prática que parecia comum no Brasil: os filhos dos fazendeiros e dos homens de maior poder aquisitivo iam estudar fora do país ou em cidades mais dinâmicas, como Recife e Salvador. Ao retornarem para as suas cidades, como Campina Grande, não queriam mais voltar para as fazendas.

Ainda segundo o autor, algumas circunstâncias foram necessárias para que a cidade adquirisse novos ares, como o “advento dos bacharéis, a decadência do patriarcalismo, o soerguimento social, o espírito de imitação e a vaidade latifundiária”.

Os bacharéis apagaram a má impressão dos fazendeiros, eles atraíram os coronéis, estes, perdendo a má impressão, construíram na vila, a rua mudando a velha roupagem atraiu gente doutros cantos. Os forasteiros desenvolveram o comércio. A população urbana aumentou.<sup>12</sup>

Portanto, com esse crescimento e a própria mudança da imagem da cidade, as pessoas do meio rural também passaram a freqüentá-la, principalmente os fazendeiros, que perceberam a importância social que a cidade estava adquirindo, e que esse era um meio de mostrar também o seu poder. Esse meio foi vivenciado com antecedência pelos fazendeiros de Areia e de outras cidades. Os espaços oficiais para encontros e ostentações econômicas eram as festas e as reuniões sociais. As festas da padroeira do Rosário, as missas e os eventos programados pela igreja, como a Semana Santa, eram exemplos desses espaços. Segundo Câmara, as festas profanas, que geralmente aconteciam depois das festividades religiosas, se caracterizavam de acordo com a

---

<sup>11</sup> ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. Campina Grande: EPGRAF, 1962, p. 186.

<sup>12</sup> CÂMARA, Epaminondas. **Os alicerces de Campina Grande**. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande. Secretaria de Educação/Núcleo Cultural português. Edições Caravela, 1999, p. 82.



situação financeira: os mais abastados organizavam os bailes de dança; os mais pobres e mestiços ficavam com o samba e o forró.

De acordo com o autor, essa atitude revela uma discriminação entre os ritmos praticados pelos grupos sociais populares e os mais abastados no Século XIX, pois as danças populares já apareciam como ritmos sensuais e “degradantes” por serem danças que “apareciam somente em meios freqüentados pela escória social”. Faziam parte desse contexto as quadrilhas, em que se faziam “requebras rítmicos” e trocavam-se “expressões mútuas”. Nessas danças, o casal se tocava, mesmo que “rapidamente”. Essas eram consideradas as “mais baixas e degradantes expressões coreográficas da época”, vulgarmente chamadas de “chã de barriguinha”. Já a “dança figurada”, pertencente ao “baile”, festa das famílias abastadas, era, em suas próprias palavras, “a mais chic” nesse período.<sup>13</sup>

Assim, a festa era local de encontros, como também um momento de animação e quebra de rotina na vida dos habitantes das cidades. Mas não só quem residia na zona urbana participava das festividades. Era comum ver pessoas da zona rural hospedando-se em casas de parentes. E os jovens, longe do olhar acirrado dos protetores e em meio à multidão, encontravam momentos propícios para os cortejos e galanteios durante a festa.

No entanto, nem sempre essas festas ocorriam de maneira calma, ali também havia conflitos. Um exemplo disso foi o que aconteceu em 1904, em Campina Grande, quando o Monsenhor Francisco Sales suspendeu as solenidades religiosas da Semana Santa e a festa da Padroeira, por causa de brigas, cujo desfecho teria sido um assassinato na calçada de sua casa. A festa foi suspensa durante dez anos.

Na Paraíba, tais festas ocorriam de formas similares em muitas cidades, principalmente a dos santos e padroeiros, que eram organizadas em comissões, e cada uma delas era responsável por uma noite ou mais das festas. Para isso, havia a comissão dos comerciantes, dos artistas, dos solteiros e dos habitantes. Os jornais da época, como O Democrata de Areia, por exemplo, noticiavam com freqüência as festas que aconteciam em toda a Paraíba, como mostram os fragmentos abaixo:

No dia dos festejos, tocou a banda Phenix Muzical, a noite depois da novena houve fogo de artifícios, cada noite foi responsável uma

---

<sup>13</sup> CÂMARA, Epaminondas. **Os alicerces de Campina Grande**. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande. Secretaria de Educação/Núcleo Cultural português. Edições Caravela, 1999, p. 95-96.

comunidade, mata limpa, muquem, lagoas, pão-ferro, sipilho, chan de macaco, bondo, ipueira e sapucaia.

O sexto dia da novena foram os artistas responsáveis, durante o dia queimaram-se bastante fogos, a tarde houve uma passeiata com um certo numero de meninas entorando um hino acompanhando pela banda de musica.

7ª noite dos habitantes da cidade

8ª noite das senhoras

9ª noite dos solteiros.<sup>14</sup>

A noite dos solteiros, para cuja organização se arrecadava dinheiro entre os solteiros, parecia ser bem concorrida:

A festa da Conceição está próxima e os encarregados da noite de solteiros ainda não esforçaram-se a procurar as espórtulas! Animam mancebos! Saiam a campo!<sup>15</sup>

O objetivo dos solteiros, durante a festa, era o de se divertir e encontrar aquela a que tanto tempo cortejavam. Assim, a festa não ultrapassava os limites e as ordens impostas pela sociedade paraibana, uma vez que a própria sociedade é que organizava – certamente a elite da época – e legitimava a noite dos solteiros. Sendo assim, as festas eram tanto o lugar de controle quanto o espaço de apropriação. Lugar de controle, porque era instituído por um setor da sociedade; espaço de apropriação, porque as pessoas que freqüentavam o espaço da festa poderiam fazer outras coisas, ter outros comportamentos, diferentes dos que foram instituídos.

Assim, as festas da padroeira (ou do padroeiro) das cidades, de santos considerados mais populares, como São João e São Sebastião, bem como as festas profanas, como o carnaval, eram locais de encontros para grande parte da população de uma cidade. Essas festas ganhavam destaque nos jornais paraibanos. O jornal *A Parahiba*, por exemplo, de 22 de agosto de 1880, noticiava:

Terminou-se com a mesma devoção e fervor dos annos anteriores a nossa festa da padroeira nossa senhora das neves. Esse dia de verdadeiro regosijo parahybano, em que todas as classes da nossa sociedade concorrem já para as noites de novenas, e já para as festas atesta de maneira incontestável seu zelo religioso. A classe dos empregados de justiça, artistas, os militares, os caixeiros, estudantes, empregados públicos, e as senhoras.<sup>16</sup>

---

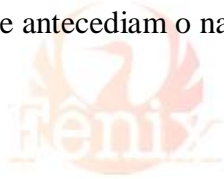
<sup>14</sup> FESTA DA Padroeira. **Jornal O Democrata** – Areia/Seção Gazetilha. Ano III, nº. 245, 1º de dezembro de 1894.

<sup>15</sup> Ibid.

<sup>16</sup> FESTA DAS neves. **A Parahiba** – Parahiba do Norte, nº. 86, 22 de agosto de 1880.

Talvez o momento mais festejado das festas religiosas fosse o seu lado profano. Em Campina Grande, o momento mais esperado começava com a festa da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, nas semanas que antecediam o dia 8 de dezembro, e se estendia até as festas de final de ano. A organização dessas festas em Campina Grande, o cenário para a festividade, em que havia barracas, pavilhões, era preparado com dias de antecedência. As cerimônias religiosas aconteciam geralmente no final da tarde e, logo depois, as comemorações profanas ocorriam. As festas de fim de ano também animavam a cidade, e a estação ferroviária, inaugurada em 1907, era o local mais movimentado. Ali, não só chegavam as novidades de Recife, mas também os amigos e familiares que vinham visitar os parentes nesse período.

As festas eram espaços apropriados para diversão e conversas entre as pessoas que delas participavam. Das festas de rua, participavam todos, sem distinção de classe, o que não significa que todos ocupavam o mesmo espaço e da mesma maneira. As famílias mais abastadas ocupavam os pavilhões, enquanto que os populares ficavam nos outros espaços. As festas também eram momentos para se extravasar, como os festejos que antecediam o natal, na capital:



Festas

Brinca a cidade entregue à orgia: aqui, um geme, ali, um sopra evaporando o álcool!

Aproximam-se as grandes festas em que o povo, como doido pirilampo, procura o ar benéfico das praias mais vizinhas à capital.

A plebe, ao anúncio das festas, começa por embriagar-se tapizando (sic) às calçadas com a imunidade que possui o seu estômago e, ao mesmo tempo, lavando-as com o álcool que seu organismo deita fora.

Grupos de moços percorrem as ruas em uma cantinela horrível.

Mais adiante em uma câs de pasto, onde o picado na ordinária porcelana geme em

convulsões, profetizando o seu mesquinho futuro, ouve-se o mudo som do violão.

Em plena rua, entregues ao desespero da polícia, vêm os ébrios a recitar o namoro a cavalo de Álvares de Azevedo e a Dalila, torna-se aborrecida porque vem tocada a assobios.

Aqui a grande orquestra da insipidez, ali, o som mavioso da flauta do co (ilegível).<sup>17</sup>

O artigo continua dando ênfase para a orgia e a bebida alcoólica, sempre enfatizando a participação dos populares, destacando-se os beberrões, que utilizam o espaço da festa para extravasar os sentimentos contidos no cotidiano. O autor refere,

<sup>17</sup> UNIÃO TIPOGRÁFICA. Defesa da classe operária; 01 de janeiro de 1884. In: BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. (Org.). **Miscelâneas, rodapés e variedades**: antologia de folhetins paraibanos do século XIX. João Pessoa: Idéia, 2007, p. 90.

ainda, que essas pessoas são abandonadas, tanto pelo poder público quanto pela sociedade, o que nos faz asseverar que esse ambiente de festa, embora sendo um lugar, quase sempre, aprovado pelo poder institucional, como o Estado e a Igreja, poderia ser também espaço de desordens e apropriações para se fazer o contrário do que o poder instituíu. Portanto as festas constituíam-se momentos de táticas e ressignificações.

Convém ressaltar que não era apenas nas ruas ou durante as festas, sob o efeito da bebida alcoólica, que as pessoas faziam desordens. Em uma nota no jornal, “O Campina Grande,” de 30 de maio de 1909, o escritor Silvério chamava a atenção dos que tinham se comportado mal no teatro, gritando e vaiando os atores: “O nosso público deve ir se corrigindo de certos defeitos que o põe distante do povo civilizado”.<sup>18</sup> E alerta, ainda: “Pedimos ainda aos nossos visitantes alguma atenção para as famílias que ali comparecem, pois um teatro é uma casa de educação e respeito que não comporta certas liberdades”.<sup>19</sup> Talvez “certas liberdades” a que o autor se refere sejam o namoro dentro do teatro ou, até mesmo, a pronúncia de palavrões. De qualquer forma, o teatro foi apropriado de outras maneiras que não a estabelecida como a normal.

Apesar de toda a vigilância durante as festas, os jovens conseguiam encontrar espaços de fuga, inclusive, no sentido literal do termo. E foi num deles que Rosalina de Araújo, a protagonista de um dos casos de rapto consentido, em 1905, conheceu o seu raptor. Ela soube astutamente aproveitar o espaço da festa, empregando uma das táticas,<sup>20</sup> a de saber aproveitar os momentos propícios. Rosalina morava no sítio São Januário, zona rural de Campina Grande, com sua mãe, que era solteira e agricultora. Rosalina conheceu o seu raptor, Artiquilino Dantas Góes, na festa da Conceição, que acontecia no mês de dezembro. Na ocasião, ela estava hospedada na casa do senhor José Mathias, provavelmente um parente ou conhecido de sua mãe. Segundo Rosalina, só via Artiquilino de longe, sempre no hotel de José de Patrício e de José Bernardino. Porém os dois, ela, com 15 anos, e ele, um comerciante de 30 anos, demonstram interesse

---

<sup>18</sup> DANTAS, Silvério. **O Campina Grande**. Ano II, nº. 30,30 de maio de 1909.

<sup>19</sup> Ibid.

<sup>20</sup> Aqui utilizaremos o conceito de tática trabalhado por Certeau: “a tática só tem por lugar o outro, tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ocasiões. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que são estranhas... maneiras de fazer; vitórias do fraco sobre os mais fortes (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem etc.), pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de caçadores, mobilidades da mão-de-obra, simulações polimorfos, achados que provocam euforia, tanto poéticos, quanto bélicos”. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 47.

mútuo. Os olhares e os flertes foram inevitáveis, e Rosalina, certamente, não perderia a chance de falar com Artiquilino. A vontade parecia recíproca, pois ele visita a casa onde se hospedava a moça, que estava sozinha na sala. As outras mulheres se encontravam na cozinha. Eles conversaram e, segundo Rosalina, foi nessa ocasião em que aconteceram as primeiras promessas de amor.

O casal continuou a se comunicar por meio de cartas, e quem fazia o papel de carteiro era o leiteiro, que residia em São Januário. Assim, eles encontraram várias maneiras de realizar o que desejavam, aproveitando-se de qualquer tática para conseguir o que queriam. Não demorou muito e Rosalina retornou à cidade para a festa de carnaval, ficando três dias na casa de José Mathias. Certamente encontraram uma forma de se falar. Ela disse que, naquele momento, fora seduzida. Ele afirmou que ela o convencera a realizar o rapto. O que podemos afirmar é que as festas foram os espaços propícios para Rosalina e Artiquilino se conhecerem. Em meio a tanta balbúrdia, sons e pessoas, uma escapadela não seria descoberta com facilidade, e foi o que Rosalina e Artiquilino fizeram, aproveitaram as festas para começar uma possível relação amorosa.

O carnaval era uma dessas festas, que poderiam ser utilizadas como ponto de encontro para as futuras relações amorosas, e que passou a ser festejado no Brasil depois da proibição do entrudo, um costume trazido pelos portugueses, ainda no período de colonização, em que as pessoas atiravam umas nas outras farinha, laranjas e água.

Os jornais do período também tratam, ligeiramente, da chegada de outros atrativos culturais para a cidade, como o teatro e a própria sofisticação dos carnavais, que passaram a acontecer também nos clubes, como o do Rasga, Jovens Campinenses, Clube da Reserva e Zé Pereira. Mas não era só nas festas que ocorriam os momentos favoráveis para homens e mulheres se conhecerem. As brincadeiras realizadas na frente de casa ou as reuniões de amigos eram também uma ótima oportunidade para que isso acontecesse, como mostra o fragmento abaixo:

O campinense, apesar de ser tão interessado por outros folguedos populares gostava pouco das danças. Talvez por falta de boa música, preferia o brinquedo de prendas (a berlinda, o siri, o passo da hora, etc). A dança exigia agilidade, ritmo, expressão artística, passos figurados em harmonia com a música, ao passo que outro não embarçava ninguém porque fácil de se compreender e com mais razão, oferecia vantagens que os rapazes e as moças não dispensavam, mas facilitavam o namoro. Na berlinda, por exemplo, indicava certa determinada senhorita, para isolar-se num ângulo do salão. Depois, a moça seguia o mesmo processo e o casamento na igreja vinha depois, a simples escolha de um para ficar na berlinda era entendida como

declaração de amor, por parte de quem escolhe, se ambos fossem solteiros.<sup>21</sup>

No entanto, as festas representavam uma novidade, agitação; as ruas ficavam animadas, repletas de gente, com barulho, brincadeiras e exibição, afinal, era o momento de as pessoas mostrarem o seu melhor visual, sobretudo, os solteiros, que queriam chamar a atenção uma dos outros. Rosalina, a nossa protagonista, do caso de rapto consentido, também podia pensar a festa como esse espaço tão desejado, pois morava na zona rural, onde as festividades aconteciam com menos frequência do que nas cidades. As novenas, as festas juninas, as brincadeiras e outras festividades aconteciam na zona rural, mas a festa na cidade representava estar em contato com pessoas diferentes, em um espaço mais animado e cheio de lugares propícios para encontros, apesar de a zona rural, também existirem algumas formas de lazer, como a cavalhada ou argolinha, uma disputa entre os cavaleiros, para ver quem conseguia retirar o maior número de argolas da trave.

Além, da cavalhada ou argolinha, havia outras formas de entretenimento, como as novenas, os pastoris, as derrubadas de gado, a apartação (vaquejada), as cambindas<sup>22</sup> e as procissões do mato. Segundo Câmara, a maioria dessas reuniões era acompanhada pela música produzida por instrumentos como o pistão, o baixo rulo e o carrilhão; para o samba, usavam-se o pífano, o zabumba e o pandeiro.

Essa trinca era a mais característica expressão musical daquele tempo da região do agreste e cariri. Suas notas arrebatadoras, dum sabor meio doméstico, meio indígena, meio africano, interpretavam o sentimento nordestino, a alma, os pendores, a vida de nossa gene. No batuque, na toada, no bailão, no maracatu, no galope etc., havia um quê de ancestral, um misto da suavidade bucólica do nosso clima e do exotismo ameno dos peninsulares. Ao mesmo tempo, convidava aos prazeres dos sentidos e ao recolhimento interior.<sup>23</sup>

Mas, além da música, outra forma de lazer com que as pessoas também se animavam, nas serenatas, eram o violão ou cavaquinho e os desafios com a viola. Quanto aos cânticos, poderia ser o bendito relacionado com o catolicismo, a letra sacra. A moda que podia ser qualquer canção popular e o desafio cantado por repentistas.

---

<sup>21</sup> CÂMARA, Epaminondas. **Datas campinenses**. João Pessoa: Departamento de publicidades, 1943, p. 94.

<sup>22</sup> Dança na qual os dançadores, de cócoras, movem-se ao som da música.

<sup>23</sup> CÂMARA, Epaminondas. **Os alicerces de Campina Grande**. Prefeitura Municipal de Campina Grande. Secretaria de Educação/Núcleo Cultural português. Edições Caravela, 1999, p. 94.

Câmara afirma que os momentos em que as pessoas da zona rural se reuniam para celebrar a alegria eram passageiros, e logo todos voltavam para a monotonia e a tristeza dos dias comuns dessas regiões afastadas uma das outras e da cidade.

Assim, tanto o cotidiano da cidade quanto o da zona rural propiciavam espaços de encontros, bastava os indivíduos astutamente aproveitá-los. Assim, uma brincadeira, uma missa, a festa da padroeira ou até um terço rezado na casa do vizinho poderiam ser apropriados e ressignificados, isto é, ser transformados em espaços para o início de romances.

